

“CURAVA DE TUDO O DESGRAÇADO”: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE CURAR NOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E PARANÁ NO INÍCIO DO SÉCULO XX ATRAVÉS DA TRAJETÓRIA DO MONGE JOSÉ MARIA

GABRIEL CARVALHO KUNRATH¹; MÁRCIA JANETE ESPIG²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielkunrath@icloud.com

² Universidade Federal de Pelotas – marcia.espig@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais parece obvio que diante dos primeiros sinais de mal-estar prontamente se pense em buscar o auxílio de um médico para cura-los, entretanto, nem sempre foi assim. No início do século XX, a medicina não ocupava o mesmo cenário de destaque que ocupa atualmente. Foi justamente ao longo desse século em que ela se consolidou como a principal prática de cura no Brasil. Na virada do século XIX para o XX, as práticas de cura eram realizadas de modos distintos dos atuais, curandeiros e benzedores por diversas vezes eram mais procurados do que os médicos. Entretanto, é importante ressaltar que as concepções de modernização que vinham sendo defendidas no Brasil neste período, colocavam no centro do discurso modernista a medicina. Desta forma, este discurso “[...] pretendeu transferir para a ciência – no caso, especialmente a medicina – a crença na cura e no tratamento de certas dificuldades cotidianas, emancipando a religião das esperas seculares da vida” (WEBER, p. 1997, p. 263).

A Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, na cidade do Rio de Janeiro seja talvez o caso mais visível da tentativa de modernização nas artes de curar realizado no Brasil. Os moradores da cidade se revoltaram quando em meio a uma crise de varíola o governo decidiu que todos os indivíduos seriam obrigados a tomar vacina contra a doença. Claro que a revolta contra as vacinas foi somente uma fagulha para questionar diversos problemas sociais que os moradores do Rio de Janeiro vinham enfrentando, como os projetos de higienização e reestruturação da cidade, debatidos por Jaime Benchimol (2017). Todavia, mesmo com essas medidas, ocorridas na capital nacional, no interior do Brasil e principalmente dos Estados do Paraná e Santa Catarina, inúmeras pessoas quando apresentavam algum mal-estar seguiam fazendo uso de práticas tradicionais ligadas aos benzedores e curandeiros.

Além dos auxílios buscados aos benzedores e curandeiros, no interior paranaense e catarinense destacava-se a grande devoção nos monges, sobretudo na figura do Monge João Maria. Ressalta-se de que a utilização do termo “monge” não está ligada ao fato de que estes tivessem relações oficiais com a Igreja Católica; mas, sim, com a forma como os mesmos eram identificados pelas populações durante suas peregrinações. Mesmo que o monge de maior destaque na região tenha sido João Maria, inúmeros indivíduos passaram pela região e atraíram a atenção da população local, sendo que entre suas práticas também estava a realização de curas. Um destes foi José Maria, o qual no presente trabalho busca-se investigar, através de sua trajetória, as práticas de cura no interior de Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta como referencial teórico-metodológico as concepções oriundas da micro-história, entendendo-a como uma prática historiográfica fundamentalmente baseada em uma análise microscópica, no uso intensivo de fontes e nas variações da escala de análise. Ainda, para evitar confusões, é de suma importância mencionar que não se trata de realizar um estudo sobre um pequeno objeto e sim analisar como ocorreram determinados processos através de uma análise circunscrita. Ressalta-se que devido a limitação de páginas, optamos por abordar os debates acerca da micro-história de modo extremamente breve, apenas com o objetivo de situar um possível leitor que por ventura nunca tenha se deparado com tais debates. Para saber mais sobre esse assunto, consultar Levi (1992).

Sobre o caráter biográfico da pesquisa e qual o entendimento do conceito de trajetória que estamos adotando, algumas ponderações precisam ser realizadas. Desta forma, não se trata de uma proposta investigativa de caráter biográfico nos moldes comumente propostos até o início do século XX, que consistia em uma abordagem da vida do biografado de modo linear, em que os acontecimentos vividos pelo indivíduo eram frutos de sua predisposição a grandiosidade e sua vida vista como um modelo de “sucesso” a ser seguido. Ao contrário, propomos o entendimento de que os sujeitos são dotados de uma “[...] racionalidade própria, ainda que limitada, possuem horizontes de expectativas e possibilidades em constantes mudanças e, acima de tudo, que a vida deles não está dada desde o início” (KARSBURG, 2015, p. 33). Em razão disso, entendemos que José Maria se tornou uma pessoa de destaque devido às escolhas possíveis que pode fazer, as formas que lidou com as situações que se apresentavam e da maneira como se relacionou com outras pessoas durante sua vida.

Por mais que tenhamos utilizado o termo biografia no parágrafo anterior, destacamos que tal escolha foi somente retórica para facilitar a compreensão sobre as diferenças e realçar a perspectiva que foi adotada no entendimento da vida dos sujeitos. Uma vez que, como dito anteriormente, o presente trabalho não se propõe a realizar uma biografia de José Maria, uma abordagem desse tipo pressupõe um recorte mais amplo, que vai do nascimento a morte. O conceito de trajetória “[...] não tem por obrigatoriedade abordar a vida do sujeito; antes, procura centrar as análises num período determinado” (KARSBURG, 2015, p. 34). Assim sendo, julgamos que sua utilização é mais adequada nesta pesquisa, uma vez que o pretendido é a realização de uma análise da trajetória de José Maria no período em que esteve em Campos Novos e como suas ações nessa localidade se relacionam com as práticas de cura durante o início do século XX.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

José Maria viveu até o final de outubro de 1912 e teve sua trajetória de vida marcada por seu envolvimento com a Guerra do Contestado, conflito armado ocorrido no interior de Santa Catarina durante os anos de 1912 e 1916. Mesmo morrendo no primeiro combate entre as forças policiais e os sertanejos, em 22 de outubro de 1912, tornou-se o líder messiânico através de um processo de reelaboração mística de sua personalidade por parte de uma parcela dos moradores da região. Questões muito bem discutidas por Mauricio Vinhas de Queiroz (1981), Douglas Teixeira Monteiro (1974) e Paulo Pinheiro Machado (2004) e que fogem de nosso interesse neste trabalho. Entretanto, se notabilizou

entre a população sertaneja do Contestado, antes da guerra, por suas práticas de cura.

A historiografia acerca da Guerra do Contestado afirma que seu nome verdadeiro era Miguel Lucena Boaventura, mas ficou conhecido pelo nome de José Maria. Teria sido um membro do Regimento de Segurança do Estado do Paraná ou servido a um batalhão do Exército, ambas as hipóteses são recorrentes na historiografia, todavia alguns autores como Vinhas de Queiroz (1981) afirmam que nos registros da polícia paranaense não consta que em algum momento alguém com tal nome tenha servido na corporação. Ainda sobre o seu passado, segundo Vinhas de Queiroz (1981) antes do segundo semestre de 1912, teria sido preso em Palmas (PR) por crime de defloramento em 1911. De Palmas, teria ido para Lages (SC) e atuado, sem grandes sucessos, como curandeiro ficando conhecido como o doutor de tamancos.

Certo dia, não se sabe qual, mas especula-se que seja por meados de maio ou junho de 1912, José Maria apareceu em uma fazenda de Campos Novos no interior de Santa Catarina. Daí em diante, tornou-se famoso e sua vida ganhou grande evidência, primeiro entre os moradores locais fascinados por seus atos de curandeirismo, depois pelas autoridades que passaram a o tratar como um caso de polícia. O ponto de inflexão de sua trajetória, ao que tudo indica, teria ocorrido quando conseguiu curar a já desacreditada esposa do coronel Francisco de Almeida, de quem era hóspede. Cabe lembrar, que neste período a medicina ainda mantinha praticas antiquadas, seus tratamentos eram realizados, em grande parte, através de sangrias, cirurgias sem anestesia, práticas invasivas e doloridas, com eficácia duvidosa. Diante dessas circunstâncias e com o fato de que no interior de Santa Catarina, naquela época, a presença escassa e não rotineira de médicos tornava comum que os moradores, até, mesmo os mais abastados da região, buscassem auxílios médicos com curandeiros e benzedores para tratar de suas doenças. Em meio a essas circunstâncias, é que a fama de bom curandeiro de José Maria se espalhou, fazendo com que inúmeras pessoas se dirigissem ao seu encontro em busca de curas.

4. CONCLUSÕES

Esse primeiro momento de destaque social de José Maria nos permite concluir alguns pontos. Entre eles, a importância da relação de confiabilidade que passou a ser constituída a partir da cura da esposa do coronel Francisco de Almeida, ainda mais diante da recusa de recompensa monetária. O fato de passar a ser identificado como monge, também contribuiu para o seu sucesso, afinal inúmeros moradores da região eram fieis do monge João Maria que há tempos não era visto na região. Desta forma, José Maria também ocupava, em partes, um espaço religioso deixado pelo antigo monge. Ainda, as ações de José Maria durante sua estadia em Campos Novos nos permitem a análise do papel desempenhado pelas praticas de cura através do uso de ervas medicinais, uma vez que apontam que ele teria grandes conhecimentos sobre essa questão.

Destaca-se que a pesquisa e as reflexões brevemente apresentadas neste trabalho são parciais e ainda estão em construção e referem-se a uma parte da dissertação de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-graduação em História da UFPel. Os laços estabelecidos por José Maria com os moradores da região precisam de um aprofundamento maior para que seja possível compreendermos como as curas impactaram na constituição destes. Também seria precipitado, no atual estágio da pesquisa, apontarmos como outras práticas realizadas por José Maria que aparecem na historiografia estão presente nesse momento. De

qualquer forma, suas ações enquanto esteve em Campos Novos o levaram a Curitiba (SC) posteriormente e seu envolvimento relacionados com a Guerra do Contestado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ezequiel. **O Contestado entre Paraná e Santa Catarina**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1918.

BENCHIMIL, Jaime. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (Orgs.) **O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação à revolução de 30**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 9ª ed., 2017, p. 231 - 286.

ESPADA LIMA, Henrique. **A micro-história: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 133-161.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luis Augusto. (Org.) **Micro-história, trajetórias e imigração**. 1ª ed. São Leopoldo: OIKOS, 2015, v. 1, p. 32-52.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social**. São Paulo: Editora Ática, 1981.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-grandense (1889-1928)**. Tese de doutorado em História, Unicamp. Campinas, 1997.